



SEÇÃO: TEMÁTICA LIVRE.

## A memória como recurso narrativo e como resistência ao patriarcado em “A velha da sacola” e “Uma fantasia para Sofia”, de Henriette Effenberger

*Memory as a narrative resource and as resistance to patriarchy in “A velha da sacola” and “Uma fantasia para Sofia”, by Henriette Effenberger*

*La memoria como recurso narrativo y como resistencia al patriarcado en “A velha da sacola” y “Una fantasia para Sofia”, de Henriette Effenberger*

**Sebastião Bonifácio**

**Júnior<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0814-2145](https://orcid.org/0000-0003-0814-2145)

[bonifacio.junior@uel.br](mailto:bonifacio.junior@uel.br)

**Recebido em:** 29 ago. 2020.

**Aprovado em:** 21 dez. 2020.

**Publicado em:** 11 junho. 2021.

**Resumo:** No presente trabalho, existe a preocupação de abordar uma característica bastante peculiar de determinados textos literários contemporâneos: a narrativa motivada pela memória. Tal mecanismo funciona, nos contos “A velha da sacola” e “Uma fantasia para Sofia” – ambos presentes na coletânea *Fissuras* (2018), de Henriette Effenberger –, como a rememoração de problemas relacionados ao patriarcado, tendo como consequência a quebra da construção hegemônica dos papéis femininos exercidos pelas protagonistas. Para embasar nossa discussão, utilizamos, primordialmente, os livros *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), de Beatriz Sarlo, e *Memória e identidade* (2012), de Joël Candau, bem como outras reflexões teóricas relacionadas ao assunto.

**Palavras-chave:** Memória. Literatura de autoria feminina. Representação da mulher.

**Abstract:** In the present work, there is a concern to address a very peculiar characteristic of contemporary literary texts: a narrative motivated by memory. This mechanism works, in the tales “A velha da sacola” and “Uma fantasia para Sofia” – both present in the collection *Fissuras* (2018), by Henriette Effenberger –, as a reminder of problems related to patriarchy, with the consequence of a break in the hegemonic construction of female roles by protagonists. To support our discussion, we used, primarily, the books *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), by Beatriz Sarlo, and *Memória e identidade* (2012), by Joël Candau, as well as other theoretical reflections related to the subject.

**Keywords:** Memory. Literature authored by women. Representation of women.

**Resumen:** En el presente trabajo, existe la preocupación de abordar una característica muy peculiar de ciertos textos literarios contemporáneos: la narrativa movida por la memoria. Tal mecanismo funciona, en los cuentos “A velha da sacola” y “Uma fantasia para Sofia” – presentes en la antología *Fissuras* (2018), de Henriette Effenberger –, como recuerdo de los problemas relacionados con el patriarcado, y también presentando como consecuencia la ruptura de la construcción hegemónica de los papeles femeninos ejercidos por las protagonistas. Para sustentar nuestra discusión, utilizamos fundamentalmente los libros *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), de Beatriz Sarlo, y *Memória e identidade* (2012), de Joël Candau, así como otras reflexiones teóricas acerca del tema.

**Palabras clave:** Memoria. Literatura de autoria feminina. Representación de la mujer.



<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil.

## Reflexões sobre a memória

Com o intermédio dos estudos desenvolvidos nos livros *Memória e identidade* (2012), de Joël Candau, e *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), de Beatriz Sarlo, são analisados, aqui, os contos "A velha da sacola" e "Uma fantasia para Sofia", de Henriette Effenberger. Observamos, assim, características temporais bastante peculiares nos textos literários selecionados para o nosso trabalho. Essas produções revelam o problema trabalhado na presente pesquisa: as memórias das opressões sofridas pela mulher manifestadas na atitude de as personagens femininas se recusarem ao esquecimento do passado como forma de resistência identitária. Nutrimos, portanto, o objetivo de demonstrar como as protagonistas das produções contempladas lidam com a memória – sendo esta, nas narrativas, atrelada à temporalidade do passado, mas que se reflete no presente.

Partindo disso, faz-se necessário considerar o tempo como um fator ao qual toda existência esteja condicionada (CANDAU, 2012, p. 15). Ligada ao aspecto temporal, a memória modela os seres ao passo que também é modelada por eles a fim de constituir cada identidade particular (CANDAU, 2012, p. 16).

Considerando isso, podemos apontar que a memória, por ser geradora de identidades, é ativada por meio das escolhas memoriais realizadas pelos indivíduos (CANDAU, 2012, p. 19), levando em conta as marcas deixadas por períodos anteriores nas trajetórias de vida. Além do mais, a memória, devido ao fato de ser "ilimperativa, onipresente, invasora, excessiva, abusiva, é comum evocar que seu império se deve à inquietude dos indivíduos e dos grupos em busca de si mesmos" (CANDAU, 2012, p. 125).

Tais premissas nos possibilitam o entendimento de que as "visões do passado" (SARLO, 2007, p. 12) são construídas por meio da subjetividade humana, afinal é o subjetivismo o maior responsável por permitir que determinadas rememorações apresentem coerência no momento presente. Desse modo, as memórias são filtradas e, em seguida, expostas com base na importância que tiveram de pessoa para pessoa.

Em síntese, existem acontecimentos responsáveis por deixar máculas tão significativas nos sujeitos, que surge a necessidade do compartilhamento de tais experiências, justamente, porque essas lembranças configuram características identitárias, afinal

[...] a memória procura um sentido e encadeia-o em outras construções que, do ponto de vista da identidade pessoal, fazem sentido, criam nexos e explicações, constroem uma espécie de auto-história. A memória procura apaziguar os conflitos, fechar as feridas, restaurar as ruínas, silenciar as dores; ela tem compromisso com a subjetividade, com a reconstrução de uma história pessoal que precisa encontrar saídas viáveis, até mesmo do ponto de vista psíquico, para reconstruir uma vida, um futuro (CYTRYNOWICZ, 2003, p. 131-132).

Nas narrativas, essas recordações remetem "ao passado por um tipo de relato, de personagens, de relação entre suas ações voluntárias e involuntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes" (SARLO, 2007, p. 12) – o que, no caso dos contos escolhidos de Henriette Effenberger, têm a ver com as práticas de resistência adotadas pelas personagens femininas como forma de driblar as restrições impostas pela sociedade. Contudo, dependendo do grau das reminiscências vinculadas a situações ruins, é possível que o sentimento de identidade seja arruinado (CANDAU, 2012, p. 18), dada a relevância do acontecimento negativo para cada um. Assim, a construção da narrativa pela memória nunca é gratuita, pois possui o objetivo de demonstrar quais aspectos do passado são importantes para certas personagens a ponto de delinear suas identidades individuais.

Outrossim, na maioria das vezes, essa estratégia literária revela ao leitor dois (ou mais) estágios da vida da personagem e quase sempre objetiva o desnudamento de uma mudança ocorrida no enredo. Em outras palavras, quando há o apelo para a memória, no campo literário, dificilmente a personagem focalizada termina a história da mesma forma que começou.

Ainda sobre a narrativa tendo a memória como fio condutor, é válido frisar que o tempo não se atém, necessariamente, a divisões didáticas (dia,

mês, ano). O regimento pode se dar por meio de indicadores temporais operados pelo narrador, tanto a respeito do momento no qual os fatos são produzidos, quanto no que se refere aos acontecimentos retomados da experiência particular, tal como ocorre com nascimentos, doenças, mortes, casamentos, viagens importantes, mudanças de domicílio, acontecimentos da esfera profissional etc. (CANDAU, 2012, p. 92). Inclusive, em se tratando dos contos de Henriette Effenberger que são criados pelo viés da memória como recurso narrativo, notamos que as lembranças, em geral, mostram-se com marcas cronológicas imprecisas e adotam os acontecimentos retomados da experiência individual com o intuito de revelar a importância de tais ocorrências na fundação identitária das protagonistas.

Tendo em vista os argumentos apresentados, Candau (2012, p. 19) afirma que é equivocado refletir sobre a memória como algo desvinculado da identidade, pois, mesmo aquela sendo anterior – servindo, inclusive, para a constituição identitária –, é necessário considerar o homem em sociedade. Por meio dessa premissa, faz-se possível afirmar, segundo o autor, que as relações entre os campos memorial e identitário são indissociáveis do início ao fim. Considerando, ainda, a importância do meio social, podemos apontar, por outra perspectiva teórica, que “as memórias se colocam deliberadamente no cenário dos conflitos atuais e pretendem atuar nele” (SARLO, 2007, p. 61), porque compõem as identidades individuais, também, referentes aos problemas enfrentados pelos seres humanos.

Dada a complexidade do advento memorialístico, Candau (2012, p. 21-24) define três níveis relacionados a essa esfera. O primeiro deles, denominado protomemória, refere-se aos comportamentos mais disseminados no meio social, englobando os conhecimentos assimilados na infância e, até mesmo, na vida intrauterina, tais como: as técnicas do corpo que são frutos da maturação do desenvolvimento humano, as memórias gestuais, os esquemas sensorio-motor piagetianos, as rotinas, as estruturas e dobradas cognitivas, as cadeias vinculadas às linguagens

gestual e verbal, a transmissão social ancorada em práticas e códigos, os costumes introjetados nos hábitos costumeiros, os traços, as marcas e os condicionamentos pertencentes ao *ethos*, dentre outros. Tudo isso ocorre de modo quase imperceptível, ou seja, sem uma verdadeira tomada de consciência.

O segundo modelo diz respeito à memória propriamente dita ou de alto nível, que serve para recordar ou reconhecer por intermédio de evocações intencionais ou de invocações automáticas de lembranças autobiográficas ou relacionadas à memória enciclopédica. Esse esquema também se vale do esquecimento, beneficiando-se de artificios derivados da expansão memorial.

Por outro lado, há a metamemória, que tem a ver com a representação baseada na memória, com o conhecimento apresentado sobre ela e com o que se diz dela. Tal conceito revela a filiação do sujeito ao próprio passado – desnudando, assim, a construção da identidade demonstrada, explicitamente, por um caráter reivindicado, ostensivo. O fato de refletirmos a ponto de podermos discorrer sobre a nossa própria memória com o intuito de frisar suas especificidades, seus interesses, seus aprofundamentos ou suas frinchas, condiz com o trabalho metamemorial. As duas últimas definições – memória de alto nível e metamemória – são as mais utilizadas para as análises do *corpus* desta pesquisa, afinal possuem um grau de complexidade maior que o automatismo do exercício protomemorial.

Basicamente, todos os procedimentos descritos são de suma importância para a construção do ser social, pois, na falta da memória,

o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si (CANDAU, 2012, p. 59-60).

Para haver o autoconhecimento, o autor declara que é preciso se colocar a certa distância temporal de si mesmo por meio das lembranças, as quais promovem um retorno ao passado. Assim,

a consciência age no presente, pois a memória ordena os detalhes passados, em direção às exigências do momento atual, para que sejam supridas as demandas do futuro. Por meio desse movimento, a lembrança, que experimenta no presente a dimensão do passado, evidencia e manifesta a consciência como algo inato do ser humano (CANDAU, 2012, p. 63).

Ainda de acordo com o estudioso, o tempo possui caráter tridirecional; conseqüentemente, a memória se move em três direções distintas: desse modo, há uma memória do passado, outra da ação e, também, uma da espera. A primeira se refere aos balanços, às avaliações, aos lamentos, às fundações e às recordações ativadas pelos indivíduos; já a segunda diz respeito a um presente evanescente; por fim, a terceira se vincula aos projetos, às resoluções, às promessas, às esperanças e aos engajamentos acerca do futuro. Vale ressaltar que, em vários textos, o narrador de Henriette Effenberger transita pelos três processos citados anteriormente. Isso faz com que as mulheres de papel da escritora apresentem uma complexidade temporal atrelada aos tempos passado, presente e futuro, sendo todos os níveis imbricados, portanto constituintes das individualidades.

Não podemos esquecer, no entanto, do caráter de subjetivação da memória, afinal ela se soma à consciência de si, fazendo com que o ato de se lembrar de algo produza imagens distorcidas se comparadas ao elemento, de fato, rememorado. O resultado desse processo que consolida a rememoração vai além do real, porque se ancora no filtro particular do sujeito que se recorda de determinado evento; surge, assim, outro produto, responsável por carregar a complexidade do indivíduo e de sua trajetória (CANDAU, 2012, p. 65). Ademais, conforme o teórico, o grau de subjetividade das lembranças é tamanho, que pode haver, até mesmo, contração ou extensão (promovidas pelo entendimento subjetivo da pessoa que evoca as memórias) entre o passado e o presente, ao relatar certas lembranças.

Além do mais, existe sempre uma projeção de futuro ao se lançar mão de uma memória, principalmente, se considerarmos as ponde-

rações humanas sobre o que foi feito e o que poderia ter sido realizado no ciclo de vida. Por isso, a lembrança é um fator imbuído de lógica, afinal de contas não há sentido se recordar de algo que não tenha coerência com o presente e, por conseguinte, seja desvinculado de um vislumbre futuro (CANDAU, 2012, p. 66). Notamos, desse modo, que as rememorações evocadas pela perspectiva das personagens femininas de Henriette Effenberger, analisadas por este artigo, sempre denotam uma superação de traumas/ocorrências negativas em busca de um melhor porvir. Tal representação pode ser associada a um processo semelhante ao que é descrito a seguir:

Um pedaço de cristal, atravessado de lembranças e salvo da dissolução do tempo, ao ser mergulhado no fluxo da memória, faz precipitar a cristalização total de um mundo desgarrado, que recompõe, unifica e revive à luz do presente – verdadeira luminescência. [...] Nesses instantes, o que foi é de novo e um enorme halo significativo rodeia a imagem, com sua força plasmadora, capaz de dar forma ao caos dos elementos desfeitos no tempo (ARRIGUCCI JR, 2001, p. 85-86).

Outrossim, em determinados sujeitos, há o fato de se esquecer de episódios ruins com a finalidade de permitir a comunicabilidade social e consigo mesmo, uma vez que as lembranças inaceitáveis podem tornar o passado, seja psicologicamente, seja fisicamente, aflitivo (CANDAU, 2012, p. 72). O antropólogo frisa, ainda, que as memórias são selecionadas pelos indivíduos com base nessa ressalva, ou seja, o terreno pantanoso do pensamento humano, em grande escala, tende a ser evitado por seus usuários.

De certa forma, se levarmos em conta os textos selecionados de Henriette Effenberger, é perceptível uma nuance de transcendência a respeito dos casos que, naturalmente, seriam ocultados pelos seres sociais. Afinal, o narrador explora os labirintos mentais das personagens femininas a fim de evidenciar não apenas o peso do patriarcado na sociedade, mas também possui o objetivo de apontar para uma superação, para a ideia de que “o otimismo memorial” prevalece sobre o pessimismo” (CANDAU, 2012, p. 74); em síntese, para a consolidação da mulher.

Baseado nesse estratagema narrativo, faz-se necessário constatar que a memória, na verdade, é também uma arte da narração ligada às identidades dos sujeitos, os quais têm por objetivo primeiro evitar o esquecimento de suas vivências, pois isso representaria o declínio (CANDAU, 2012, p. 72-73). De modo semelhante, Sarlo (2007, p. 24-25) associa a narração da experiência à presença do indivíduo na cena do passado. Frisa, inclusive, a impossibilidade de haver testemunho isento de experiência, bem como o fato de não existir experiência sem narração.

Desse modo, é ressaltado que o ato de narrar coloca o experiencial em um tempo distinto do acontecimento, porque esse procedimento se vincula à esfera da lembrança. A pesquisadora alega, também, que a narração funda uma nova temporalidade, a qual é atualizada por meio de cada repetição ou variante.

Quanto a isso, com base nos pressupostos de Candau (2012, p. 73-77), discorremos sobre a fragmentariedade subjacente ao relato das experiências, dada a impossibilidade de se ter acesso ao todo de sentido representado pela vida. Na tentativa de acessar a si com o auxílio das reminiscências, revela-se uma vontade de interligar, coerentemente, as rupturas e descontinuidades do passado. Ao tentar acesso ao quebra-cabeça do passado, as frinchas da memória são percorridas na ilusão de se poder recapitular uma vida toda.

Isto posto, faz-se importante asseverar que, mesmo nas narrativas minuciosas, o esquecimento se faz presente, ora pelas omissões pretendidas, ora pelas omissões ignoradas, para fornecer coerência às trajetórias das particularidades. Além do mais, cada sujeito sente certa obrigatoriedade de recordar seus fatos passados: isso somado ao caráter cindido da pós-modernidade faz com que, "(In) a ausência de grandes memórias organizadoras, cada indivíduo tom[le] seu próprio caminho e isso result[le] em memórias fragmentadas" (CANDAU, 2012, p. 184). Como consequência, as recordações da contemporaneidade se constituem de fragmentos de memórias organizadoras destruídas, fazendo

com que restem, apenas, pedaços compostos e restos discrepantes imersos em características heterogêneas. A respeito do esquecimento, ainda, cabe ressaltar o seguinte:

O excesso de memória seria da ordem da compulsão de repetição interditando toda reconciliação com o passado e toda distância crítica. A falta de memória seria também da ordem do recalque, pronta para voltar a atormentar um tecido social mal estabilizado e que "acreditava" poder fazer uma economia de sua relação com o passado (ROBIN, 2016, p. 37).

Também sobre as lacunas deixadas pela rememoração, Sarlo (2007, p. 99) afirma que há uma espécie de vazio entre a lembrança e aquilo de que se lembra. O preenchimento dessas frinchas é feito por meio de "operações linguísticas, discursivas, subjetivas e sociais do relato da memória" (SARLO, 2007, p. 99). Porém a estudiosa aponta que esse vazio produz efeitos de sentido por ser "cheio de avaliação e retórica" (SARLO, 2007, p. 99). Em outras palavras, quando um indivíduo rememora algo, sempre há um silêncio que se manifesta, gritando no recôndito de seu ser.

Ao encontro disso, é significativo o enfoque fragmentário das memórias acionadas por algumas das protagonistas de Henriette Effenberger, afinal as rememorações se mostram, às vezes, como colchas de retalhos em busca da superação do vazio sobre o qual não se costuma falar. Como um meio de proporcionar coerência ao exercício memorial, a escritora procura representar as reminiscências de modo embaralhado, tal como ocorre aos seres humanos. Sobre as frinchas, as suas mulheres de papel ignoram tudo aquilo que, supostamente, não confere tanta importância no caminho trilhado em prol da transposição dos obstáculos patriarcais. Isso confirma as premissas de que as elipses narrativas funcionam como "uma das lógicas de sentido de um relato" (SARLO, 2007, p. 51).

Embora a nossa análise seja voltada para as memórias individuais formadoras das identidades particulares – rejeitando, dessa forma, uma visão essencialista sobre o feminino como um todo –, faz-se relevante expressar que, independentemente de qualquer situação, a memória sempre



é coletiva, pois se manifesta, segundo Candau (2012, p. 78), por meio de imagens e da linguagem, apresentando caráter dialógico e organizacional. Levando em conta esse aspecto, procuramos apontar, em nosso texto analítico, o rememorar interligado a uma problemática (ou a uma série de) sobreposta aos corpos femininos dos contos de Effenberger, tendo em vista o meio social.

O aspecto coletivo é abordado, porque as maneiras de lidar com as lembranças se ancoram em signos pertencentes à sociedade. Devido a essa ancoragem, há o surgimento de “uma temporalidade fundadora da identidade” (CANDAU, 2012, p. 91) de cada um dos seres sociais. Também conforme os apontamentos de Candau (2012, p. 99), não podemos nos esquecer de que esse fator identitário, por sua vez, mobiliza-se em função de três vertentes: a eficácia memorial, as interações intersubjetivas e as expectativas do momento em que se retorna ao próprio passado.

### 1 “A velha da sacola”

Tendo em vista as reflexões supracitadas, passamos ao primeiro texto, que, analisado sob essas perspectivas, proporciona ao leitor um panorama necessário de como a velhice feminina é concebida em uma sociedade baseada no androcentrismo.<sup>2</sup> Vale ressaltar, porém, que existem duas versões dessa narrativa breve – tendo sido uma publicada pela *Germina - Revista de Literatura & Arte* e a segunda pertencente ao livro *Fissuras* (2018).

Embora o texto seja, praticamente, o mesmo, consideramos ambas as versões, pois existe uma sutil diferença no desfecho que enriquece nossa visão analítica. Desse modo, para efeitos de clareza ao leitor, afirmamos que a variante mais utilizada, nas citações, é a do livro. Sempre que for necessário dissertar sobre a da revista virtual, avisaremos antes de efetuar a análise.

No conto “A velha da sacola”, de Henriette Effenberger, é narrada a jornada de uma senhora que, religiosamente, em todas as segundas-feiras, doa refeições preparadas por ela a alguns

moradores da periferia. O método adotado pela idosa, no entanto, mostra-se bastante peculiar, pois são escolhidas famílias aleatórias a cada visita. Além disso, ela sobe ao morro, apenas, com o equivalente ao que seria uma única refeição familiar – e nada mais – dentro de uma sacola. Os alimentos são diferentes a cada semana, bem como a família beneficiada:

Saia de casa por volta das dez da manhã, carregando aquela cesta de lona listrada, que tinha ido à feira por décadas, e seguia, dirigindo o próprio carro, em direção à periferia, onde escolhia, ao acaso, uma família que recebia o presente. [...] Na cesta, um tabuleiro com lancha ao molho branco, uma peça de lagarto ao molho madeira, uma cumbuca de salada mista com molho de maionese. Separada, em um saquinho desses de supermercado, outra vasilha continha pudim de leite condensado (EFFENBERGER, 2018, p. 55).

Em dado momento, porém, ocorre uma mudança significativa na história: a velha, que sempre ia à comunidade dirigindo o próprio veículo, inesperadamente, surge em um táxi, entrega a comida a alguém e nunca mais aparece no local. De início, os residentes do bairro se espantam com o seu desaparecimento, mas não demoram a esquecê-la.

Entretanto, com o passar do tempo, um dos indivíduos que fora auxiliado pelas benfeitorias da mulher se torna jornalista, sendo recrutado para fazer uma matéria em um dos asilos da cidade. Ao adentrar o recinto, ele reconhece a velha da sacola e decide estabelecer contato com ela; esta, por sua vez, não encara o homem à sua frente; inclusive, sequer responde às perguntas que lhe são destinadas. Somente com o auxílio de uma funcionária veterana da instituição, o rapaz passa a ter acesso à verdade a respeito da idosa: ela se internara lá por vontade própria, transferindo toda a aposentadoria e bens financeiros ao asilo por meio da alteração de seu testamento. De acordo com a velha, não havia ninguém para ficar com sua herança. No entanto, conforme a publicação impressa do conto, a empregada do local descobrira que a mulher tinha um sobrinho, que também havia constituído um núcleo familiar

<sup>2</sup> Em se tratando dessa expressão, utilizamos a definição presente no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*: “[antropológico] Visão do mundo centrada no ponto de vista masculino”.

composto por esposa e filhos, mas eles nunca iam visitar a idosa, aos domingos, quando ela morava na própria residência – apenas lhe telefonavam.

É, precisamente, nesse ponto, em que reside a diferença entre as duas versões: na revista digital (anterior à edição de *Fissuras*), a família da senhora se constitui de filho, nora e netos. A falta das visitas, contudo, é mantida. Para comparação, reproduzimos os trechos conforme o ano em que foram publicados:

A mulher se internara lá, por conta própria, há muitos anos. Resolveu sozinha os trâmites burocráticos, transferindo ao asilo a aposentadoria que recebia mensalmente. Também pediu a um tabelião para alterar o testamento, deixando a instituição como única beneficiária de seus bens, pois, disse ela, não tinha mais ninguém para deixar a herança. [...] Ainda, segundo a empregada do asilo, soube-se depois que sim, ela tinha família. Mas optou pelo asilo, após esperar, todos os domingos, por anos a fio, a visita do filho com a nora e netos, a qual, invariavelmente, era substituída por telefonemas (EFFENBERGER, 2017).

A mulher se internara lá, por conta própria, há muitos anos. Resolvera sozinha os trâmites burocráticos, transferindo ao asilo a aposentadoria que recebia mensalmente. Também pediu a um tabelião para alterar o testamento, deixando a instituição como única beneficiária de seus bens, pois, disse ela, não tinha mais ninguém para deixar a herança. [...] Ainda segundo a funcionária do asilo, soube-se depois que, sim, ela não era sozinha, tinha família. Mas optou pelo asilo, após esperar, todos os domingos, por anos a fio, a visita do sobrinho com a esposa e filhos, a qual, invariavelmente, era substituída por telefonemas (EFFENBERGER, 2018, p. 57).

Vale ressaltar que esse fragmento corresponde ao desfecho da narrativa e aborda a subversão feminina adotada pela protagonista em face da família – uma instituição, historicamente, patriarcal. Com exceção de algumas pequenas modificações de pontuação e da troca do vocábulo “empregada” por “funcionária”, ao se referir à contratada do asilo, percebemos que a maior mudança reside na configuração do grupo familiar: antes, o agrupamento se constituía do “filho com a nora e netos”; depois, foi reconfigurado para um “sobrinho com a esposa e filhos”.

No primeiro caso, existe a sugestão do mito da maternidade, haja vista que a mãe é, praticamente, ignorada pelo filho; já no segundo, o mito do amor

parental toma forma devido à figura de um sobrinho, o qual, sendo o único parente da velha, recusa-se a ir visitá-la. Entretanto, como entendemos a velha da sacola como alguém carregado de signos que, mesclados, representam melhor o construto, social e histórico, da *maternage* (devido à diversidade culinária, à saudade dos familiares, à preocupação com os almoços de domingos, etc.), abordamos, mais detidamente, o primeiro viés – afinal, ao olharmos para a segunda versão do texto, percebemos que as expectativas criadas por ela em torno do sobrinho e demais membros podem ser relacionadas, também, à figura construída pelo patriarcado da mãe exemplar. Em ambas as ocorrências, inclusive, há a viabilidade de notarmos o desprezo social a que as mulheres idosas são relegadas.

Para melhor elucidarmos a problemática da questão materna subjacente a esse texto, utilizamos a pesquisa de Resende (2017, p. 189), quando esta aborda a divinização do ser mãe como um mito baseado em vários discursos que atravessam a sociedade ocidental desde o século XVIII. Tal mito contempla ideias tais quais a do amor incondicional da mãe para com seus filhos, da maternidade como a felicidade suprema da mulher e do instinto maternal.

Em se tratando de “A velha da sacola”, a personagem central corresponde a todos os estereótipos de mãe ideal, fiel e resignada, mas apenas até certo ponto, afinal, no instante em que a senhora se cansa da total indiferença dos familiares, coloca em prática um plano de vingança responsável por lhes retirar o direito a todos os rendimentos financeiros registrados em nome dela – fazendo cair por terra o mito que condiciona o amor materno ao âmbito do incondicional. Além do mais, tal aspecto funciona como a libertação da personagem de um ciclo opressor.

Vejam, agora, como se constitui o sentimento que, no conto, foi responsável pela quebra da mitificação em torno da maternidade. Faz-se necessário, então, que tenhamos algumas reflexões sobre como se deu a vingança no texto literário. De acordo com Greimas (2014, p. 248-249), a vingança ocorre por meio de uma necessidade, de um desejo de se vingar e se desenvolve no que concerne

a uma transação entre sujeitos, de modo que um seja ressarcido moralmente e o outro, castigado.

Desse modo, a ação vingativa existe para reequilibrar sofrimentos entre dois sujeitos antagonísticos. Trazendo tal raciocínio para o *corpus* de nosso trabalho, percebemos que a protagonista deseja que os membros da família sofram ao serem deserdados, afinal essa seria a melhor maneira de haver o ressarcimento por sua longa espera. É possível inferir que, em seu novo lar, a idosa se sente realizada por ter, supostamente, feito os familiares sofrerem – obtendo, desse modo, “um reequilíbrio de prazeres e desprazeres” (GREIMAS, 2014, p. 249).

Em conformidade a tais pressupostos, eis que, no desfecho, a protagonista quebra a estereotípia responsável por tentar lhe embutir um comportamento cristalizado do ser mulher e do ser mãe – o que é, facilmente, confirmado pela própria caracterização descrita pelo narrador: “A mulher se internara lá, por conta própria [...]. Resolveu sozinha os trâmites burocráticos, transferindo ao asilo a aposentadoria que recebia [...] optou pelo asilo” (EFFENBERGER, [2017]).

Percebe-se, assim, a capacidade de escolha da mulher quando tem o poder de decidir os rumos da própria vida. Nem os vínculos com a família – instituição perpetuadora do mito do amor materno – impediram que ela, graças aos mecanismos de sua memória, rompesse as amarras com o passado.

Levando em conta tais aspectos, podemos inferir o motivo pelo qual ela distribuía refeições aos moradores periféricos: tais alimentos, na verdade, eram preparados para os familiares, que nunca apareciam à sua casa. A ausência familiar fez com que a personagem principal passasse por várias sensações de cunho negativo, tais como: insatisfação, decepção, frustração e, finalmente, o sentimento de vingança, que representa o estágio final de seu longo percurso.

Ademais, é perceptível, no texto, um dualismo entre apego e desprendimento, pois a personagem, de início, mostra-se totalmente apegada à ideia de ter a família reunida em torno de si (endossando o mito da maternidade). Porém, ao

perceber que isso seria inviável, devido à falta de vontade de seus parentes, se desprende do desejo inicial e dos vínculos que a unia a essas pessoas.

A protagonista, a princípio, está insatisfeita com a falta das visitas familiares. É por isso que, a respeito das refeições feitas para a parentela, – mas que acabavam sendo distribuídas aos suburbanos –, o narrador inicia a história com a constatação de que “Todas as segundas-feiras o ritual se repetia” (EFFENBERGER, 2018, p. 55), proporcionando ao narratário a percepção de algo durativo, rotineiro.

Na verdade, ela apela, em todos os domingos, para a realização de comidas variadas e apetitosas. Mas nem os seus dotes culinários são suficientes para atrair os parentes, que nunca a visitam. É provável que ela adote tal subterfúgio por reconhecer, inconscientemente, a cozinha como o lugar social da mulher em meio ao patriarcado. Por isso, a variedade de guloseimas para acolher os de sua linhagem.

Por outro lado, empregamos as observações de Beauvoir (1970, p. 208) quando trata das donas de casa, que, em meio à imanência, não encontram um objetivo na limpeza da casa, a qual se sujará, novamente, no momento posterior – caracterizando, assim, um serviço eterno e com o fim em si mesmo. De acordo com a filósofa, é diferente, por exemplo, quando se trata da culinária, pois os pratos são apreciados e consumidos com alegria pelo marido e pelos filhos, o que fornece à mulher um lampejo de satisfação. Ademais, o alimento serve para sustentar o corpo dos membros da família, que dependem das refeições para sobreviver. Contudo, essa espécie de alienação momentânea da cozinheira pode se revelar uma cilada, quando descobre que seu trabalho só se consolida na boca alheia, criando a necessidade de que o núcleo familiar repita os pratos e se satisfaça com os alimentos preparados.

É da falta dessa sensação que a velha da sacola padece quando se vê destinada a preparar inúmeros pratos os quais não serão degustados por nenhum dos seus. Essa situação de esvaziamento é responsável por concebê-la como insatisfeita e pode ser explorada, inclusive, pela



maneira indiferente através da qual ela tratava os moradores periféricos, pois “escolhendo ora uma família, ora outra, mal se importando com a procissão de famintos que a seguia, como se ela estivesse carregando um andor e não apenas uma sacola velha, é que a oferta se dava (EFFENBERGER, 2018, p. 55).

É marcada, dessa forma, a ausência de um interesse legítimo da velha em relação àqueles moradores. Isso pode ser notado, por exemplo, no excerto em que algumas crianças a cercam e sorriem para aquela que, no bairro, ganhou ares de benfeitora: “A mulher não correspondeu aos sorrisos, passou por elas e ofereceu o conteúdo [alimentos] a uma moça que a observava da janela” (EFFENBERGER, 2018, p. 55). Em suma, se os familiares fazem pouco caso do esforço da personagem principal, ela, com as expectativas insatisfeitas, encontra uma forma de compensação doando suas massas, frangos, macarronadas, saladas, mousses e pudins aos mais necessitados, ainda que essa não tenha sido sua vontade primeira.

A comprovação de que a protagonista criava expectativas a respeito das visitas familiares se mostra, sobretudo, na variedade de comidas elaboradas para aguardar a parentela, afinal “tutu de feijão, arroz, lombo de porco assado e couve na manteiga eram acompanhados por manjar branco. Quando o cardápio continha massas e frango assado, a sobremesa era pudim: de leite, de coco, de chocolate ou de frutas” (EFFENBERGER, 2018, p. 55-56). De fato, a velha acreditava que a família, mais cedo ou mais tarde, fosse visitá-la; porém isso não acontece sequer nas datas festivas do Natal e do ano novo – promovendo, assim, a sua decepção total. É quando ela desiste de esperar a ida daqueles indivíduos até sua casa, pois passa a crer que não pode contar com eles na realização da esperança de ter a família reunida:

Porém, naquela segunda-feira, anos depois da primeira, as pessoas estranharam quando outro automóvel parou debaixo da amoreira. Diferente do carro branco a que se acostumaram, o que chegou ali foi um táxi prateado, do qual saltou a senhora de sempre, com a sacola de sempre. [...] Como de hábito, não sorriu, nem falou com ninguém. Apenas entregou o farnel: macarronada com brajolas, salada verde e *mousse* de maracujá. Deixou ainda um litro

de coca-cola e algumas latas de cerveja. [...] Voltou ao táxi e nunca mais apareceu por ali (EFFENBERGER, 2018, p. 56).

No âmbito da construção textual, percebemos que as marcas temporais são imprecisas, comprovando o que Candau (2012, p. 92) diz sobre a falta de necessidade do indivíduo de regular o tempo quando aciona a memória. No pequeno fragmento acima, a título de exemplificação, não importa que segunda-feira era aquela, muito menos, quando foi a primeira, tampouco desde quando, para os moradores, ela era “a senhora de sempre”. Como já foi ressaltado, tais elipses narrativas constituem “uma das lógicas de sentido de um relato” (SARLO, 2007, p. 51), o que colabora na construção da verossimilhança entre literatura e realidade.

Sobre esse assunto, vale ressaltar que, por falta de incentivo à educação e devido à ausência de apoio à inserção no mercado de trabalho enquanto jovens, com o tempo, um panorama nebuloso se cria para as mulheres: “as velhas senhoras não têm nenhuma influência concreta na sociedade; ignoram os problemas que a ação coloca; são incapazes de elaborar algum programa construtivo” (BEAUVOIR, 1970, p. 361).

Consequentemente, tendem a ser apagadas de suas funções humanas, já que, na redoma de vidro doméstica, nunca foram treinadas a desempenhar qualquer exercício social. Se a sociedade falocêntrica não influenciou a menina, desde criança, a lutar por um futuro digno, jamais endossará essa luta nas mulheres mais velhas. Destarte, elas serão esquecidas mais cedo que os homens. De modo preciso, o apagamento é parte constituinte de “A velha da sacola” cuja personagem central passa a não ser digna de receber visitas parentais, porque sua presença não mais importa – se é que, algum dia, importou – aos parentes relapsos.

Por outro lado, defendemos que as lembranças da personagem principal funcionam como resistência ao patriarcado e se encaminham para a superação de um problema vivenciado em sua trajetória, afinal, “as memórias se colocam deliberadamente no cenário dos conflitos atuais e pretendem atuar nele” (SARLO, 2007, p. 61). A

partir do ponto em que a mulher revive, mentalmente, toda a desconsideração proporcionada pela família, toma a medida de ir para um asilo e se livra de uma problemática: os familiares, que passam a ser ignorados como tais.

Dessa maneira, a idosa revê seu passado, em um movimento semelhante ao descrito por Cytrynowicz (2003, p. 131-132), tendo este a intenção de esclarecer o evento memorialístico à luz da teoria. Mais precisamente, na tentativa de "silenciar as dores", a anciã relembra o descaso familiar para, enfim, apresentar "compromisso com a subjetividade, com a reconstrução de uma história pessoal que precisa encontrar saídas viáveis, até mesmo do ponto de vista psíquico, para reconstruir uma vida, um futuro" (CYTRYNOWICZ, 2003, p. 131-132). Assim, em meio a panorama tão desolador, ela encontra lenitivo no asilo e na vingança.

A decisão final seria impossível, no entanto, se a protagonista não tivesse transitado pelas três direções que constituem a memória: passado, ação e espera (CANDAU, 2012, p. 63). Ao rever a inércia dos parentes e notar uma constante nisso, se vê em uma espécie de presente que evanesce, mas se mostra capaz de tomar uma resolução futura – deserdar a família e entregar seu dinheiro à *instituição*, impossibilitando, assim, a reivindicação parental à renda. Desse modo, passado, presente e futuro estão interligados no processo de subversão adotado por ela.

## 2 “Uma fantasia para Sofia”

Semelhante ao texto anterior, o movimento tridirecional proposto por Candau também ocorre no conto “Uma fantasia para Sofia”, porém de maneira diferente, como veremos ao longo da análise dessa produção literária em específico.

A história, aqui abordada, também possui como protagonista uma senhora de idade, que, por sua vez, prende-se ao seu maior sonho de infância – adquirir uma fantasia de princesa. Esse objetivo se molda, logo nos primeiros anos de sua vida, quando tem contato com a estória da Gata Borralheira. Contudo, por ter sido muito pobre e ter passado a infância em um orfanato,

não conseguiu realizar seu intento à época. “Mas o sonho não se desgrudara de seus olhos de menina” (EFFENBERGER, 2018, p. 91), fazendo com que ela passasse a vida inteira em busca da concretização desse anseio.

Os ciclos de sua existência são construídos, no texto, em função da consumação do ato: a personagem passa a juventude, a maturidade, a meia-idade e a velhice objetivando a obtenção dos adereços com os quais poderia se fantasiar. Assim, “gastou sua juventude recolhendo miçangas, vidrilhos, fitas e plumas nas quartas-feiras de cinza”, além de “parte de sua maturidade nas funerárias, colecionando pedaços de tule” (EFFENBERGER, 2018, p. 91); ao atingir a “meia-idade, passou a unir os retalhos” (EFFENBERGER, 2018, p. 92) para a confecção da vestimenta; até que, na velhice, enfim, conseguiu se vestir de princesa.

Sobre o caso particular de Cinderela, é possível trabalhar com o título que os Irmãos Grimm deram a uma das versões mais famosas do conto: *Aschenputtel*. Consoante determinados estudos, esse “termo originalmente designava uma auxiliar de cozinha humilde, suja, que deve cuidar das cinzas da lareira” (BETTELHEIM, 2012, p. 327), sendo essa junção entre mulher e pó vista como símbolo de degradação.

Entendemos tal simbologia, também, como vinculada à pobreza. Por isso, a associação realizada entre essa princesa específica e a protagonista de “Uma fantasia para Sofia” *não deve ser entendida como algo isolado: ambas são pobres e órfãs*.

Sob outra perspectiva, a lareira pode ser compreendida, simbolicamente, como a figura materna. Apontamos isso em conformidade com a seguinte alegação de Bettelheim (2012, p. 339): “Viver tão próximo a ela a ponto de habitar entre as cinzas pode simbolizar um esforço de se agarrar à mãe ou de voltar a ela e ao que ela representa”. Ao nos basearmos em tais pressupostos, podemos inferir que Sofia se aproxima da figura da Gata Borralheira por identificar, na princesa, a orfandade de que as duas são vítimas.

Vemos, a partir disso, a imersão da protagonista, em seu passado, a fim de manter um devaneio de infância; o presente dela se mostra

evanescente, indicando uma possível alteração de estado; enquanto isso, a perspectiva de produção das vestes é projetada, no futuro, com base no recolhimento dos pedaços de objetos coletados durante toda uma vivência, cumprindo o movimento tridirecional da memória idealizado por Candau (2012, p. 63) – passado, ação e espera. Ademais, ela rememora o passado constantemente. Isso nos permite instrumentalizar a seguinte assertiva responsável por abordar a intersecção entre estágios remotos e atuais da vida do indivíduo: “[...] o que foi é de novo e um enorme halo significativo rodeia a imagem, com sua força plasmadora, capaz de dar forma ao caos dos elementos desfeitos no tempo” (ARRIGUCCI JR, 2001, p. 85-86, grifo do autor).

Em síntese, redimensionando a ideia do teórico para o texto literário estudado, vemos que, enquanto colhe os remendos de tecidos e demais apetrechos, a vida passa sem que ela se dê conta. É como se estivesse, de certa forma, costurando a própria linha do tempo.

Caso levemos em conta a versão de Charles Perrault por meio da qual foram criados os sapatinhos de cristal e a abóbora que vira carruagem, há, em tais elementos, “o escárnio, por parte de Perrault, do ouvinte que leva a história a sério, mas também a ironia com que trata o seu assunto: se Cinderela pode ser transformada na mais bela princesa, então camundongos e um rato podem virar cavalos e um cocheiro” (BETTELHEIM, 2012, p. 355). É pertinente transferirmos essa discussão para o nosso *corpus*, pois Sofia se mostra como uma receptora crédula no sucesso da princesa, quando se depara, pela primeira vez, com o conto infantil. Não é tanto que ela tenta imitar a mudança do estado disfórico para o eufórico, identificada em *A Gata Borralheira*, para sua própria realidade.

Porém Sofia não supera esse estágio de idealização, reproduzindo-o, incansavelmente, por toda a vida. Em sua mente, se camundongos e um rato podem se transformar em cavalos e um cocheiro, os retalhos encontrados podem se transmutar em um belo vestido. Até mais: se Cinderela pôde ascender socialmente, o que impediria uma idosa de se tornar princesa?

Ainda sobre a mudança elaborada por Perrault, “transformar animais tão inferiores ou mesmo repulsivos em cavalos, cocheiros e lacaios representa uma sublimação [de modo a superar o] que Cinderela teve enquanto viveu entre as cinzas no seu estágio inferior” (BETTELHEIM, 2012, p. 356) – a pobreza e a ausência parental. De modo semelhante, Sofia sublima as miçangas, os vidrilhos, as fitas, as plumas e o tule para a confecção de um maravilhoso vestido de princesa, justamente, para compensar os traumas oriundos de uma infância pobre no orfanato.

Todavia, já na maturidade, as suas mudanças corporais ocasionadas pelo tempo vão de encontro à padronização das princesas, afinal “a grossura da cintura, o achatamento das ancas, os seios fora do lugar” (EFFENBERGER, 2018, p. 92) não correspondem ao ideal de uma Cinderela ou de uma Bela Adormecida. Entretanto, a protagonista tenta driblar tais obstáculos com o uso de “um cinto bem apertado, uma anágua grossa e um bom sutiã” (EFFENBERGER, 2018, p. 92), de modo a ocultar os sinais da idade avançada.

Podemos intercalar tais atitudes de Sofia como uma reação ao que Beauvoir (1970, p. 202) constata sobre o envelhecimento feminino, ou seja, a injustiça do patriarcado para com as mulheres mais velhas, que, segundo a filósofa, perdem a atração erótica, além de causarem horror à sociedade. Tais indivíduos não são tomados, conforme os apontamentos da pensadora, somente como objetos isentos de encantos; na verdade, despertam um ódio carregado de medo. Observando isso, percebemos que, quando conseguiu realizar seu sonho, já na vetustez, Sofia “foi para a rua, caminhando entre transeuntes surpresos, até chegar ao gramado da praça principal” (EFFENBERGER, 2018, p. 93). A reação dos passantes condiz, precisamente, com o exposto por Beauvoir sobre o tratamento social a respeito da velhice feminina: ao verem uma idosa vestida de princesa, como se fosse uma jovem, as pessoas se surpreendem, negativamente, com o que veem.

Nesse ponto, constatamos o uso das lembranças da protagonista como forma de se remeter “ao passado por um tipo [...] de relação entre

suas ações voluntárias e involuntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes" (SARLO, 2007, p. 12) – o que se revela como um meio de resistência ao papel prezado pela sociedade patriarcal relacionado às mulheres maduras. Dessa maneira, a idosa, a partir do ponto em que se mostra, publicamente, vestida de princesa, quebra paradigmas impostos pelo androcentrismo e desafia o *ageism*<sup>3</sup> construído, social e historicamente, em torno dos corpos femininos da terceira idade.

Quando se apropria de signos que só são permitidos às moças, Sofia demonstra indiferença aos padrões de beleza feminina impostos pelo patriarcado às mulheres mais velhas. Isso fica evidente na forma como ela sequer percebe os olhares espantados das pessoas:

Ela seguiu, pés descalços sobre a grama, enquanto murmurava baixinho a canção de Cinderela: *"Um sonho é um desejo tão bom! / N'alma adormecer... / Nos sonhos, a vida é calma. / É só desejar, para ter. / Tem fé no seu sonho e, um dia, teu lindo dia há de chegar. / Que importa o mal que te atormenta, / se o sonho te contenta / e pode te alegrar?"*. [...] Dançando e cantando com os passarinhos, como no desenho animado que assistira lá na tevê do orfanato, aproximou-se do espelho d'água que refletia as rugas de seu rosto e suas cãs. [...] Apesar delas, era uma princesa! [...] E, melhor, foi sua própria fada madrinha... (EFFENBERGER, 2018, p. 93).

A reprodução da música da Cinderela serve para notarmos, ainda mais, o quão interligados estão, na vida da protagonista, o passado, o presente e o futuro, cujo entrelaçamento é estudado por Candau (2012, p. 63). Credo que é só desejar, para ter, a personagem adquire o objeto sonhado, em seu passado, por meio de ações constituídas em vários de seus momentos presentes – tudo isso em busca de um vislumbre futuro: a consolidação do desejo, que ocorre no excerto acima, pertencente ao desfecho da narrativa.

Ademais, ela não se incomoda com a face envelhecida, tampouco com a opinião alheia. Nada, nem ninguém impossibilitou a execução de seu projeto, que, apesar de adquirido tar-

diamente, constitui-se como um sucesso em sua perspectiva – sendo ela, ao mesmo tempo, princesa e fada madrinha.

### Considerações finais

Por meio dos contos analisados neste artigo, notamos a memória como um meio de resistência ao androcentrismo. O advento memorialístico funciona, assim, para que as personagens femininas não se esqueçam das dificuldades vivenciadas pela mulher em uma sociedade patriarcal – resultando, na maioria das vezes, em ações concretas para a fuga de tal modelo.

Tendo em vista nossas reflexões, entendemos que a velha da sacola deserda os familiares após sentir na pele toda a indiferença devotada à mulher idosa nas civilizações androcêntricas – descaso este que, recuperado por sua memória, foi reproduzido pelos membros da própria família.

Há a compreensão, também, dos padrões de beleza esperados para uma mulher da terceira idade cujo rompimento se dá na imagem de Sofia, sendo esta protagonista caracterizada por se recordar do que a vida lhe negara por ser pobre e apresentando, em contrapartida, a resolução necessária para adquirir sua fantasia de princesa – ignorando, por conseguinte, a censura dos reprodutores do patriarcado que demonstram espanto ao se depararem com uma idosa vestida de forma diferente.

Enfim, verificamos as maneiras através das quais essas protagonistas se empenham em busca da emancipação a partir do ponto em que rememoram as injustiças de que foram vítimas e, como revide ao falocentrismo, lutam para que suas vidas sejam da forma almejada por elas.

Se, por um lado, a velha da sacola passa a vida toda ansiando pela visita familiar, mas rompe com esse objetivo ao reconhecer essa desconsideração, Sofia mantém a continuidade de seu desejo de se vestir de princesa durante toda uma vida. Ao considerarmos os dois contos, notamos uma dicotomia entre ruptura (em "A velha da sacola") e continuidade (em "Uma fantasia para Sofia") com o passado, porém ambas as protagonistas

<sup>3</sup> Processo de estereotipagem e discriminação sistemáticos contra as pessoas, devido à idade, segundo os apontamentos de Butler (1995, p. 38-39) contidos na *The encyclopedia of aging: A Comprehensive Resource in Gerontology and Geriatrics*.

levam em conta o movimento tridirecional de Candau para resistir a determinadas convenções impostas pelo patriarcalismo.

Acreditamos, por fim, que a maior potencialidade de nossa pesquisa seja agregar perspectivas diversificadas aos Estudos Feministas a partir do vínculo entre representações literárias da memória e das experiências femininas na velhice.

## Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. Móbile da memória. In: ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

BUTLER, Robert Neil. Ageism. In: MADDOX, George. *The encyclopedia of aging: A Comprehensive Resource in Gerontology and Geriatrics*. New York: Springer Publishing, 1995. p. 38-39.

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.

EFFENBERGER, Henriette. A velha da sacola. In: *Germina - Revista de Literatura & Arte*. [S. l.], 2017. Disponível em: [http://www.germinalliteratura.com.br/2017/henriette\\_effenberger.htm](http://www.germinalliteratura.com.br/2017/henriette_effenberger.htm). Acesso em: 2 fev. 2020.

EFFENBERGER, Henriette. *Fissuras*. Guaratinguetá: Penalux, 2018.

GREIMAS, Algirdas Julius. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

RESENDE, Deborah Kopke. Maternidade: uma construção histórica e social. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 2, n. 4, p. 175-191, fev. 2017.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ROBIN, Régine. *A Memória Saturada*. Tradução de Cristiane Dias, Greciely Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

---

## Sebastião Bonifácio Júnior

Mestre em Letras pela na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em Londrina, PR, Brasil; graduado na área de Letras Vernáculas e Clássicas (UEL); especialista em Língua Portuguesa (UEL); e doutorando em Letras (Estudos Literários) pela na mesma instituição.

---

## Endereço para correspondência

Sebastião Bonifácio Júnior

Rua Delaine Negro, 50, bloco A, apto 02

Alto da Colina, 86055-680

Londrina, PR, Brasil